



FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Marcus Vinicius Aloisio Vieira
Regina Celia Marangoni Grein

**Poder e ética no conhecimento científico: uma análise do personagem Simão
Bacamarte**

São Paulo
2015

Marcus Vinicius Aloisio Vieira

Regina Celia Marangoni Grein

**Poder e ética no conhecimento científico: uma análise do personagem Simão
Bacamarte**

Trabalho Temático apresentado aos docentes do 1º semestre do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo para composição de nota semestral.

São Paulo

2015

Marcus Vinicius Aloisio Vieira
Regina Celia Maragoni Grein

**Poder e ética no conhecimento científico: uma análise do personagem Simão
Bacamarte.**

Trabalho Temático apresentado aos
docentes do 1º semestre do Curso de
Biblioteconomia e Ciência da Informação
da Fundação Escola de Sociologia e
Política de São Paulo para composição de
nota semestral.

Comissão Examinadora

Prof. Ma. Anna Silvia Rosal de Rosal

Prof. Dra. Carla Diéguez

Prof. Daniele C. Gonçalves Brene Pires.

Prof. Esp. Evanda Verri Paulino

Prof. Esp. Henrique M. Coimbra Ferreira

Prof. Dr. Ivan Russef

Prof. Esp. Maria Rosa Crespo

São Paulo, ____ de _____ de 2015.

Resumo

Uma análise sobre o texto O Alienista de Machado de Assis focada em sua crítica aos métodos da ciência no final do século XIX baseada na ética. Dessa forma analisa-se o conceito histórico do diagnóstico da loucura e seus métodos de definição do que seria um indivíduo doente mental. Analisam-se também diferentes textos analíticos da obra de Machado de Assis na ótica de vários autores citando-os como forma de enriquecer esta pesquisa e fundamentar a relação entre a ética e o comportamento do personagem principal, Dr. Bacamarte. A obra será investigada no seu contexto geral para que se alcance o objetivo da pesquisa e uma síntese do conceito de ética é imprescindível para mostrar as transformações éticas de Dr. Bacamarte e a influência de sua ética para o método de avaliação dos seus pacientes. Com isso verifica-se que as questões éticas à época foram muitas vezes deixadas de lado no estudo da ciência, o que foi representado na obra de Machado de Assis com o personagem principal que chegou a cidade de Itaguaí com um ideal que se transformou durante a história e gerou maiores problemas a uma comunidade.

Palavras-chave: O Alienista. Ciência. Ética. Literatura. Machado de Assis.

Resumen

Un análisis del texto de Machado de Assis *El Alienista* centró en sus críticas a los métodos de la ciencia en el siglo XIX sobre la base de la ética. Así analiza el concepto histórico del diagnóstico de la locura y sus métodos de definición de lo que una persona mentalmente enferma. También analizó diferentes textos analíticos obra de Machado de Assis en la óptica de varios autores citan como una forma de enriquecer esta investigación y apoyar la relación entre la ética y la conducta del personaje principal, el Dr. Bacamarte, los trabajos serán investigados en su contexto general para lograr el objetivo de la investigación e una síntesis del concepto de la ética es esencial para mostrar las transformaciones éticas Dr. Bacamarte y la influencia de su ética con el método de valoración de sus pacientes. Así pues, parece que las cuestiones éticas en el momento quedaron fuera a menudo en el estudio de la ciencia, que fue representada en el Machado de Assis con el personaje principal que llegó a la ciudad de Itaguaí con un ideal que se ha convertido a lo largo de la historia y ha generado grandes problemas a una comunidad.

Palabras clave: El psiquiatra. Ciencia. Ética. Literatura. Machado de Assis.

Sumário

1	Introdução	7
2	Histórico do diagnóstico da loucura	8
3	A Obra	9
3.1	A obra O Alienista de Machado de Assis na ótica dos estudiosos	10
4	O que é ética	13
4.1	Transformações éticas de Dr. Bacamarte	15
4.2	A ética e os métodos de avaliação do Dr. Bacamarte	18
5	Conclusão	21

1 Introdução

A obra *O Alienista*, de Machado de Assis, pode ser e já foi, analisada sob vários aspectos. Porém nesta análise, adotamos como foco uma reflexão sobre o poder concentrado nas mãos do cientista, neste caso, o personagem central da obra, Dr. Simão Bacamarte, e a questão da ética científica, que sucumbe diante dessa autoridade científica.

O doutor Simão concentra toda sua autoridade científica ao definir critérios sobre a conduta considerada normal e aquela que indica um estágio de loucura. Amparado pela ciência, o doutor Bacamarte atua como controlador, tudo em nome da ciência. Pode-se verificar que o poder político autentica as ações do nobre cientista. Suas propostas são aprovadas pela Câmara, mesmo quando muda radicalmente suas teorias.

É claro que a narrativa se excede em exageros quanto às situações e personagens, mas Machado de Assis, não estava longe da realidade social da época, o tom de sátira do autor no decorrer do conto é uma crítica aos moldes da época para o tratamento à loucura e também ao cientificismo da época.

A obra será investigada no seu contexto geral para que se alcance o objetivo da pesquisa e uma síntese do conceito de ética é imprescindível para mostrar as transformações éticas de Dr. Bacamarte e a influência de sua ética para o método de avaliação dos seus pacientes. Buscar-se-á por meio da análise de outros autores e estudiosos, um maior entendimento sobre o tema.

2 Histórico do diagnóstico da loucura

No final de idade média na Europa, por exemplo, a loucura estava associada às artes plásticas. Os artistas eram assim diagnosticados devido às suas obras que eram associadas a um recurso de expressão da loucura.

Os artistas apresentavam imagens que ao ver da ciência pareciam revelar o interior e as fantasias dos homens. Nessa época a loucura era vista como algo inseparável da imaginação e do sonho; uma maneira diferente de ver o mundo.

Na filosofia e também na literatura o tema loucura aparece como uma denúncia da fraqueza e da ilusão humana.

Através de leituras sobre o tratamento da loucura no passar dos anos, encontram-se muitas questões voltadas ao comportamento social. Sendo tratada como doença mental, ela já passou por várias interpretações pelos cientistas: doenças curáveis já foram tratadas com doenças mentais, e posteriormente comportamentos sociais, cujo fato de pensar ou portar-se diferentemente de toda a sociedade denotava-se como loucura.

As instituições foram instauradas posteriormente com o intuito de tratar todos doentes mentais, porém, inicialmente, possuíam um contexto opressor sobre os indivíduos e posteriormente passaram a ser questionadas como se de fato estivessem em prol da sociedade ou da normatização através da opressão.

Em *O Alienista* também nota-se a mesma associação, estando a loucura humana intimamente ligada às faltas morais e fraquezas de caráter.

3 A obra

A obra retrata a loucura como sendo uma patologia mental, embora os processos que a diagnosticam sejam sociais, ou seja, aqueles que divergem de um determinado comportamento social preestabelecido são considerados loucos e se tornam objeto de estudo do Dr. Bacamarte, visto que este deseja alcançar a excelência científica.

Por um lado, a necessidade de explicação científica para a loucura e de outro a prerrogativa que se dá ao cientista de agir com plenos e legítimos poderes sobre aquele que diagnostica como louco e sua alienação.

O conto de Machado de Assis revela um vínculo entre ciência e poder, com o qual o cientista se apodera do direito que cada um tem de dizer suas verdades e agir em sociedade, levando a parecer que há mais loucura nos indivíduos de Itaguaí, principalmente quando o Dr. Bacamarte tenta traçar uma linha divisória muito rígida entre razão e loucura.

Podemos observar essa associação analisando o caso do personagem Matheus, por exemplo, que após enriquecer, construir uma linda casa e admirá-la profundamente, passando seus dias a apreciá-la e também a exibir sua riqueza o que o tornava invejado em Itaguaí.

Neste caso, no campo de visão científica do Dr. Simão, apegar-se aos bens materiais e ostentar luxo e riqueza compreendia indício de loucura visto que feria as normas comportamentais da sociedade de Itaguaí.

A loucura então não é diagnosticada por si mesma, mas está sempre relacionada aos comportamentos que ferem as normas sociais e políticas locais, podendo-se ainda dizer que a loucura está associada aos defeitos do homem e desta forma fica evidente a questão da falta de ética científica, que se utiliza do poder que a ciência confere àqueles que à época faziam o diagnóstico de loucura.

Aqui podemos identificar uma forte crítica de Machado de Assis aos primeiros alienistas que escreveram os primeiros manuais que definiam os comportamentos normais e patológicos. Esses manuais tornaram-se referência sobre quem deve ser considerado anormal ou normal o que criou uma identidade para o doente mental.

O Alienista trata em seu texto de uma questão moral e pode-se analisar o fato de que Dr. Bacamarte, por meio da ciência, institui a doença mental pela análise do comportamento social ferindo, dessa forma, o conceito primordial da

ética que foi tratado por vários filósofos, assim como Aristóteles, que conferia à ética a ideia de internalização, com a qual o indivíduo deve olhar para si mesmo e definir os conceitos de certo e errado.

3.1 A obra *O Alienista de Machado de Assis na ótica dos estudiosos*

Nesta pesquisa, na qual a principal fonte de estudo é a obra *O Alienista* de Machado de Assis, trouxemos análises de estudiosos de diversas áreas que se basearam fundamentalmente na referida obra literária.

Observa-se na obra *O Alienista* que a conduta científica do Dr. Bacamarte baseia-se no conceito de que a loucura é uma doença mental, que fere e incomoda os acordos morais e sociais da época. Para poder estudar a loucura e a sua cura, implantou a Casa Verde onde teria a liberdade para desenvolver e fundamentar suas teorias e pesquisas científicas -O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. (ASSIS, 2005, p.22).

A utilização da análise da literatura com fonte de pesquisa é muito importante pois nos dá informações sobre o contexto histórico, econômico, cultural e social da época em que foi escrito e na qual o autor está inserido.

Afora tal propósito específico, perseguido também pela Sociologia, devem interessar à pesquisa histórica todos os tipos de textos literários, na medida em que sejam vias de acesso à compreensão dos contextos sociais e culturais: *literatura maior ou literatura menor*, escritos clássicos ou não, eruditos ou populares, bem-sucedidos no mercado ou ignorados, incensados ou amaldiçoados. (FERREIRA, 2009, p. 71)

Machado se utiliza de forte crítica às formas de tratamento que se utilizava à época e também ao cientificismo, como afirma Pereira:

O asilo não é um espaço neutro de observação, diagnóstico e terapêutica. Assim ele se apresenta quando visto do exterior. É a sua aparência mais imediata. Mas, quando visto do seu interior, o asilo se revela um espaço onde o doente sofre um processo de acusação, julgamento e condenação (PEREIRA, 1984, p. 87.).

A personagem principal coloca a ciência e suas variadas teorias acerca da loucura acima de tudo.

Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão: por outros termos, demarquemos definitivamente os limites os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia. (ASSIS, 1994, p.10)

A obra pode ser analisada a partir de várias perspectivas, mas sob a égide de nossa pesquisa, está a reflexão sobre o poder concentrado nas mãos do cientista e personagem central no conto, como ressalta Gomes:

A tensão fundamental do texto está noutra lugar: o poder da ciência que a retórica científica pretende mascarar. Machado está além de seu século, não apenas por questionar a concepção racionalista e positivista da ciência, mas por questionar o poder de todo e qualquer saber que pretenda apresentar-se como rigorosamente objetivo e com pretensões universais. (GOMES, 1994, p. 153)

Desde que a obra o Alienista, de Machado de Assis, foi publicada tem sido alvo de análises e críticas diversas, não somente por especialistas de várias áreas, mas também por leitores comuns, como na análise de Carvalho (2009):

O sujeito nunca está sozinho com seu discurso, pois este é, então, construído socialmente pelo grupo ou influenciado pela época. O livro de Machado de Assis foi escrito numa época em que a psiquiatria ainda fazia muitas experimentações, o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil tinha sido fundado há pouco tempo. Michel Foucault faz um relato bem vasto destes acontecimentos em seu livro A história da loucura na idade clássica. A psiquiatria daquela época era cheia de certezas, como Simão Bacamarte. Assim, Foucault coloca em xeque todo o saber da loucura, o manicômio, a alienação, refletindo sobre o início dos asilos, a suposta loucura existente, o normal e o patológico e as certezas do discurso médico. (CARVALHO, 2009)

Muitos analistas da obra objeto deste estudo utilizam as fundamentações teóricas de Foucault para desenvolver suas pesquisas e análises: Nunca se tem certeza de não estar sonhando, nunca existe uma certeza de não estar louco! Foucault (1972).

Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. [...] Desde a alta

Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão o corpo [...] (FOUCAULT, 2007, p. 10-11).

Partindo de um olhar mais filosófico sob a análise de Foucault, Elaine Fasollo de Azevedo, sob a ótica jurídica, escreve e, após, cita Foucault:

A instituição psiquiátrica é o lugar onde o poder psiquiátrico é exercido. Sua função é de ser um lugar de diagnóstico e de classificação, onde as doenças são repartidas em pátios dentro de um espaço fechado para um enfrentamento, onde se trata de vitória e de submissão. O médico do também chamado hospício, é aquele que pode dizer a verdade da doença pelo saber que detém sobre ela. Pode também produzir a doença na sua verdade e submete-la na realidade pelo poder que a sua verdade exerce sobre o próprio doente. Todas as técnicas ou procedimentos praticados nos hospícios – como isolamento, interrogatório, tratamentos e punições com duchas, entrevistas de cunho moral, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensas, relações de domesticidade, por vezes de servidão - que ligavam o doente ao médico, tinham como finalidades fazer do médico -o mestre da loucura [...] o poder do médico, então, permite ao psiquiatra produzir a realidade de uma doença mental cuja propriedade é reproduzir fenômenos inteiramente acessíveis ao conhecimento. [...] uma análise da distribuição do poder psiquiátrico permite mostrar que não é por um acidente ou um desvio da instituição que o hospital psiquiátrico é um lugar da realização da loucura; e no limite, tanto no hospital como não – um espaço de realização para a doença. De modo que podemos dizer o poder psiquiátrico tem por função realizar a loucura numa instituição cuja disciplina tem precisamente por função apagar todas as violências da loucura, todas as suas crises e, no limite, todos os seus sintomas. [...] (FOUCAULT, 1972 apud AZEVEDO, 2009)

Desta forma pode-se compreender que o poder psiquiátrico a que se referia Machado de Assis em *o Alienista* é um poder que realiza uma submissão dos pacientes, tendo como instrumentos principais uma vontade e um saber, que neste caso são a vontade e o saber do médico, reconhecidos como superiores à vontade e ao saber daqueles que se sujeitam a um mecanismo de poder e disciplina instalado no interior de um hospício.

4 O que é ética

‘Ética refere-se, em grego, à busca de uma boa “maneira de ser”, ou à sabedoria da ação [...], aquela que coordena a existência prática com a representação do Bem.’ (BADIOU, 1995, p. 13)

A ética é um conceito que vive em constante transformação e tem como principal característica a definição do que é certo e errado e, em alguns momentos, definir o bem e o mal, podendo-se ainda encontrar várias teorizações da ética pelo passar dos séculos, desde a Grécia antiga com Sócrates (470 – 399 A. C.) que tinha como principal conceito a busca da felicidade, passando por Kant (1724 – 1804) que racionalizou a questão da ética sobrepondo-a inclusive à moral em busca de uma ética universal a até vários filósofos que conceituaram a definição de ética no passar dos séculos. Pode-se dividir a ética em períodos e neste trabalho enfatizaremos a ética contemporânea entre os séculos XVIII e XIX mostrando resumidamente alguns conceitos antigos e importantes.

Sendo assim podemos afirmar que os costumes de cada época influenciam de forma direta no conceito de ética, o que ocasiona em um problema na teorização da ética, haja visto que existe um confronto entre as teorias éticas e as variações dos costumes. Sócrates na Grécia Antiga defendia a ideia de que o indivíduo deveria chegar por si mesmo à verdade e sofrendo grande retaliação devido ao seu conceito, pois iria contra as leis da polis (cidade-estado) e não honrava os deuses da cidade.

Mas, embora os gregos não gostassem dos questionamentos socráticos, Sócrates foi chamado, muitos séculos depois, -o fundador da moral, porque a sua ética (e a palavra *moral* é sinônimo de ética, acentuando talvez apenas o aspecto de interiorização das normas) não se baseava simplesmente nos costumes do povo e dos ancestrais, assim como nas leis exteriores, mas sim na convicção pessoal, adquirida através de um processo de consulta ao seu -demônio interior (como ele dizia), na tentativa de compreender a justiça das leis. (VALLS, 2001, p. 17)

Conceito esse que posteriormente podemos ver muito forte na psicanálise, onde Freud instituiu a ideia de que o indivíduo deveria falar, sem olhar para seu interrogador, divagando em seus pensamentos para que assim encontrasse a fonte de seus problemas e a verdade por trás de todas as suas angústias.

A ética passou a ser sinônimo de moralidade, podendo-se assim afirmar que a ética passou a ser além do conceito de felicidade individual, o conceito de felicidade coletiva, sendo a moral aquilo que demonstramos na sociedade sem que suas ações privadas sejam questionadas, demonstrando-se correto perante a sociedade, mesmo que isso não seja a essência de sua personalidade.

A ética contemporânea teve forte influência do iluminismo, com foco maior na razão ampliando dessa forma a visão ética que procurava o convívio correto dentro de um grupo, passando a um campo mais abrangente visualizando-a no contexto do conjunto da humanidade. Nesse período iniciaram-se as discussões referentes aos direitos humanos e para que pudesse ser possível esse ideal ético contemporâneo recorreu-se a Kant, que propõe uma regra obrigatória que tem como função conduzir a sociedade.

Kant afirma que a ética do homem só pode ser alcançada por meio da racionalização dos atos. “Legalidade e moralidade se tornam extremos opostos”. “Diante de cada lei, de cada ordem, de cada costume, o sujeito está obrigado, para ser um homem livre, a perguntar qual é o seu dever, e isto, exclusivamente, por ser o seu dever.” (VALLS, 2001, p. 20), o que nos remete ao fato de que o ser humano tem por obrigação zelar pela preservação dos direitos de todos.

Supõe-se que exista um sujeito humano reconhecível em toda parte, que possui -direitos de algum modo naturais: direito de sobreviver, de não ser maltratado, de dispor de liberdades -fundamentais (liberdade de opinião, de expressão, de escolha democrática de governos etc.). Esses direitos são considerados evidentes e merecedores de um amplo consenso. A -ética consiste em preocupar-se por esses direitos, fazer com que sejam respeitados. (BADIOU, 1995, p. 17)

‘Uma boa teoria ética deveria atender à pretensão de universalidade, ainda que simultaneamente capaz de explicar as variações de comportamento, características das diferentes formações culturais e históricas.’ (VALLS, 2001, p. 16), ideia primordial do conceito de Kant que desejava definir uma felicidade coletiva, definindo os padrões de comportamento que seriam considerados como corretos em qualquer caso e por qualquer pessoa.

Nesse mesmo período houve teorias de dois britânicos que iam contra a ética kantiana, Jeremy Bentham e John Stuart Mill, os quais afirmavam que o correto é aquilo que traz felicidade para o maior número de pessoas, o que nos remete ao

desligamento da ética com a moral, sendo a ética a definição do que deve ser feito em prol da felicidade pessoal e coletiva, porém sem que seja algo apenas superficial para uma sociedade e sim algo que deve ser interiorizado e respeitado de fato, respeitando as diferenças e as condições de cada ser-humano.

Portanto avalia-se que em alguns momentos da história a ética tenha sido usada como ferramenta de opressão a sociedade quando vinculada a moral, e a imposição de comportamentos socialmente aceitáveis. Porém a ética tem por objetivo garantir o bem estar do ser-humano, respeitar o individualismo de cada um e trazer à tona no indivíduo o senso crítico sobre a moral, interiorizando de fato não apenas as suas necessidades, mas sim as necessidades de todos.

Essa ética foi predominante no século XIX e início do século XX, período vivido por Machado de Assis na criação da obra *O Alienista*.

4.1 *Transformações éticas de Dr. Bacamarte*

Pode-se analisar através de estudos feitos sobre Machado de Assis, que a questão moral está presente em muitos textos do autor abordada de formas diferentes em cada um deles. Um estudo feito por Teles (USP) aborda esse tema em obras na época romântica de Machado de Assis, -A questão moral e as questões de subjetividade serão abordadas não apenas na composição dos personagens, mas também como tema nas narrativas. (TELES, 2013, p. 10).

Sendo essa uma característica machadiana que inclusive foi muito julgada pelos críticos romancistas por não seguir os padrões do estilo, averigua-se que Machado possuía uma característica pessoal muito forte, o questionamento de tudo que era imposto como correto para uma sociedade.

No livro *O Alienista*, por meio da personagem principal, Machado critica as questões éticas do ser humano na época em que estava vivendo, não só uma crítica ao estudo da psicologia humana, como uma crítica ao governo e ao comportamento social da época também, o qual pela falta de conhecimento e entendimento, fomentava a instauração de poderes que oprimiam a sociedade.

Pode-se notar em *Dr. Bacamarte*, além de uma curiosidade fascinante pela ciência em busca de melhorias no campo da psicanálise, uma vaidade implícita em se tornar um dos primeiros e mais reconhecidos pesquisadores na área.

Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo [...] (ASSIS, 2006, p.10)

Na continuação dessa narrativa descrita acima analisa-se também uma forte crítica machadiana aos conceitos de ética da época, -[...] mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores. (ASSIS, 2006, p. 10) não importavam os objetivos de seus atos e sim que você se comportasse de forma correta na sociedade, filosofia essa usada por Kant na racionalização da ética, a qual associava ética e moral, assim como observado por Antônio Candido:

Se a fantasia funciona como realidade; se não conseguimos agir senão mutilando o nosso eu; se o que há de mais profundo em nós é no fim das contas a opinião dos outros; se estamos condenados a não atingir o que nos parece realmente valioso -, qual a diferença entre o bem e o mal o justo e o injusto, o certo e o errado? Machado de Assis passou a vida ilustrando esta pergunta. (CHAVES, 1974 apud CHAUVIN, 2006, p. 64.).

Sendo assim encontra-se na personagem principal da obra fortes críticas de Machado ao contexto social da época em que vivia. Outra representação da vaidade do Dr. Bacamarte pode ser vista no trecho em que é descrita a festa de inauguração da Casa Verde, porém o narrador também nos deixa com uma ponta de desconfiança, pois em sua descrição é retratada uma grande festa, cheia de pompas e que durou sete dias atraindo pessoas de todos os cantos. Haja visto que o ideal descrito para a abertura de tal instituto seria o tratamento humano dos doentes mentais da cidade, fazia-se necessário tal circunstância? Talvez para que fosse aceito com maior facilidade pelo povo de Itaguaí realizou tal ato, no intuito de mostrar seu carinho paternal e caridade cristã com a qual tratava de seus pacientes, assim como descrito na narrativa.

Analisando por esse ponto, percebe-se uma vontade realmente plausível de tratar todos os doentes da cidade, dando-lhes condições mais humanas de convívio. Porém essa estruturação do personagem sofre alterações no momento em que percebe que está adquirindo um poder maior sobre toda a comunidade, passando a ter maior espaço no parlamento e mais autonomia para realizar suas pesquisas, além

de angariar cada vez mais dinheiro com o tratamento dos doentes mentais, assim como descrito nesse trecho do livro:

—Oh! mas o dinheiro que será preciso gastar! suspirou D. Evarista sem convicção.
 —Que importa? Temos ganho muito, disse o marido. Ainda ontem o escriturário prestou-me contas. Queres ver?
 E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via-láctea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro.
 Deus! eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulência.
 Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pérfida das alusões:
 —Quem diria que meia dúzia de lunáticos...
 (ASSIS, 2006, p. 15)

Que em resposta a represália de D. Evarista, percebe-se uma mudança nos principais ideais do personagem principal.

Logo após os acontecimentos com sua esposa, Dr. Bacamarte passa a se empenhar ainda mais em seus estudos e define de forma muito rígida a sensatez e a loucura, não afirmando que sua teoria seja final, mas sim algo em construção. Porém, ao final deste capítulo, podemos ver o momento em que o poder passa a tornar-se ponto central na narrativa e após as “descobertas” encontradas pelo personagem principal suas experiências passam a ser realizadas de forma descontrolada, uma vez que a decisão de definir a normalidade é feita exclusivamente por ele, dessa forma tornando-se ele o único detentor da condição correta de comportamento da sociedade, assim como vemos no momento em que ele define Mateus como doente mental, julgando seu comportamento irracional por tratar-se de uma vaidade exacerbada.

O alienista guiou para os lados da casa do albardeiro, viu-o à janela, passou cinco, seis vezes por diante, devagar, parando, examinando as atitudes, a expressão do rosto. O pobre Mateus, apenas notou que era objeto da curiosidade ou admiração do primeiro volto de Itaguaí redobrou de expressão, deu outro relevo às atitudes...Triste! triste, não fez mais do que condenar-se; no dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde. (ASSIS, 2006, p. 23)

Machado deixa muito claro no trecho citado acima o quanto a partir da detenção do conhecimento, um indivíduo pode deter o poder sobre uma sociedade e

a partir desse conhecimento fazer com que seus conceitos sejam tidos como verdades absolutas partindo desse ponto para mostrar como uma sociedade que vive sobre regras rígidas referentes ao que é correto e errado dentro de um contexto social pode ser prejudicial, já que essa consideração é formatada por um indivíduo que impõe o que é certo para ele.

Após todo esse processo pelo qual Dr. Bacamarte passa, ele começa a questionar a si mesmo, assim como a filosofia de Aristóteles, a busca da verdade dentro do próprio indivíduo.

4.2 *A ética e os métodos de avaliação do Dr. Bacamarte*

Com base na análise sobre o contexto histórico da loucura, podemos ver que havia uma grande imposição dos cientistas sobre as questões comportamentais da época, pois Machado de Assis deixa clara sua crítica quanto às formas de definição da doença mental exercida, pelo de Dr. Bacamarte, e o quanto suas transições éticas influenciam muito em seus métodos de avaliação dos pacientes, sendo vista inicialmente não uma busca por definir os padrões de doença mental, mas sim de estudá-los. E a partir do poder que lhe foi cedido pelo parlamento e no momento em que teve liberdade para atuar como pesquisador, passou a instituir suas normas comportamentais para definir quem de Itaguaí era doente mental.

Essa estruturação das doenças mentais foi muito discutida posteriormente por Foucault.

As distintas etapas do pensamento de Foucault apresentam diferenciações cujas explicitações não implicam em perda de suas conjunções. Tais etapas, comumente denominadas como Arqueologia do Saber, Genealogia do Poder e Genealogia da Ética, podem ser compreendidas como três campos ou continentes de reflexão, a saber: epistemológico, político e ético. Estes campos de reflexão se expressam, respectiva e predominantemente, nas seguintes ordens de problemas: o da verdade, o do poder e o da conduta individual. Tais ordens de problemas são constantemente perpassadas pelas temáticas das relações entre loucura, sociedade e instituições, assim como por uma reiterada preocupação de Foucault sobre a questão do sujeito. (MUCHAIL, 1992 apud SILVA, 2001).

Machado de Assis com a obra *O Alienista* pode de certa forma representar as etapas descritas por Foucault, uma vez que inicialmente Dr. Bacamarte se impôs

na comunidade por ser o detentor do saber científico, mostrando assim a importância de seus estudos, e também por ser algo inédito, possuía a certeza de que não seria contestado caso conseguisse expor a importância de seu trabalho, o que aconteceu quando, no parlamento argumentou pela importância da Casa Verde.

No momento em que obteve o poder sobre o conhecimento da doença mental e instaurou a Casa Verde enquadrando-se na segunda abordagem de Foucault, Genealogia do poder, sendo a Casa Verde uma representação do poder que tinha Dr. Bacamarte em -normalizar|| todos os habitantes de Itaguai.

Na Idade Moderna a loucura, antes destituída de qualquer valor inteligível, ganha sentidos múltiplos e um locus próprio de medicalização: o hospital psiquiátrico. A loucura deixa de ser vista como desrazão e passa a ser compreendida definitivamente como doença mental. Assim, abrem-se as portas para a sua escuta, sobretudo, quando no século XIX efetivam-se os entrecruzamentos entre Psiquiatria e Psicanálise. É nessa etapa histórica que se dá sua normalização (no sentido mais abrangente, condizente às afirmativas da Genealogia do Poder): não se trata mais de somente produzir saber(es) sobre a loucura, fronteiras entre o normal e patológico, mas também de produzi-la enquanto tal, de incluí-la positivamente no terreno do exercício do poder. (FOUCAULT, 1992 apud SILVA, 2001).

Dessa forma pode-se afirmar que Dr. Bacamarte passou a instaurar o que ele considerava como comportamento correto de acordo com seus ideais de certo e errado, dizendo que baseava suas pesquisas em outros estudiosos. Porém, mesmo não tratando-se de uma ciência exata, abordou-a como tal.

Tal questão esteve sempre atrelada às críticas e às limitadas noções de normal e patológico (noções estas presentes nos saberes médico, jurídico e psicológico, ou mesmo nas Ciências Humanas como um todo) assim como as críticas e às práticas institucionais direta ou indiretamente correspondentes às primeiras (CANGUILHEIM, 1971 apud SILVA, 2001).

Dessa forma, averigua-se que o personagem principal passa por várias etapas até voltar ao marco zero, onde procura tentar entender a si mesmo e a filosofia adotada por Aristóteles sobre o que é ética, já que Bacamarte trata uma cidade inteira como louca, será que de fato o louco não se trata dele mesmo? Sendo assim Assis fecha sua história demonstrando que as questões éticas não podem ser racionalizadas e impostas como sendo algo único para todos, que a imposição de

um comportamento correto deve levar em conta o indivíduo como único, o que representa o ideal de Foucault com o terceiro ciclo a Geologia da Ética, que foi analisado por Birman (2000):

Segundo este autor, o pensamento de Foucault, sobretudo em sua *Genealogia da Ética*, é um convite a uma reformulação da Psicanálise, assim como um desafio para que esta e suas ações estejam a serviço de um cuidado de si (em oposição ao saber de si); de uma estilística da existência (em oposição a um saber científico sobre a subjetividade - que sufoca toda e qualquer singularidade); ou ainda, de uma crítica social (em oposição à sua mera reprodução). (BIRMAN, 2000 apud SILVA, 2001.).

5 Conclusão

A narrativa se excede em exageros quanto às situações e personagens, mas Machado de Assis não estava longe da realidade social da época e pode, através de seu texto, representar questões éticas que iriam além do seu tempo, com uma visão do que se tornaria o tratamento dos doentes mentais.

O tom de sátira do autor no decorrer do conto é uma crítica aos moldes da época para o tratamento à loucura, ao comportamento social e também ao cientificismo da época.

O conto de Machado de Assis revela um vínculo entre ciência e poder, com o qual o cientista se apodera do direito que cada um tem de dizer suas verdades e agir em sociedade, levando a parecer que há mais loucura nos indivíduos de Itaguaí, principalmente quando o Dr. Bacamarte racionaliza de forma intransigível as questões entre o que devem ser considerado razão e o que deve ser considerado loucura.

A loucura então não é diagnosticada por si mesma, mas está sempre relacionada aos comportamentos que ferem as normas sociais e políticas locais. Pode-se ainda dizer que a loucura está associada aos defeitos do homem. Desta forma fica evidente a questão da falta de ética científica que se utiliza do poder que a ciência confere àqueles que à época faziam o diagnóstico de loucura.

Aqui podemos identificar uma forte crítica de Machado de Assis aos primeiros alienistas que escreveram os primeiros manuais que definiam os comportamentos normais e patológicos. Esses manuais tornaram-se referência sobre quem deve ser considerado anormal ou normal criando uma identidade para o doente mental.

Referências

ASSIS, J. M. M. de. **O Alienista**. 33. ed. São Paulo: Ática, 2006.

AZEVEDO, E. F. “**Michel Foucault e o Alienista de Machado de Assis**”. PUC. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em < <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14286/14286.PDF>> Acesso em: 25 mar. 2015.

BADIOU, A., **Ética: um ensaio sobre a consciência do mal**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

CARVALHO, F. P. de. *A memória individual em “O Alienista” de Machado de Assis*. **IV ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes)**. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/1723/907> Acesso em 02 mai. 2015.

CHAUVIN, J. P. **O poder pelo avesso: mandonismo, dominação e impotência em três episódios da literatura brasileira**. 2006. 151 f. Tese (Doutorado em letras.) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-14052007-153758/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PEREIRA, J. A. F. **O que é loucura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GOMES, R. O Alienista: Loucura, Poder e Ciência. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, ano 1, v. 2, p. 145-160, nov. 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/84953/87681>> Acesso em: 25 mar. 2015.

LIMA, M. J. S. História da loucura na obra -O alienista de Machado de Assis: discursos, identidades e exclusão no século XIX. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 18, set. 2011. P. 141-153. Disponível em www.cchla.ufpb.br/caos Acesso em: 25 mar. 2015.

MENEZES, L. M. de. “**O ALIENISTA**”: doença mental ou desvio social?. *Miscelânea*, Assis, vol.7, jan./jun.2010. p.298-279. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v7/luciane.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2015.

RIBEIRO, M. A. S. Era o alienista um alienado?: A dissolução do limite entre a loucura e a sanidade na obra *o alienista* de Machado de Assis a partir da perspectiva nietzschiana sobre a moral. **Kínesis**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 60-70, jul. 2014. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/5_marcoribeiro.pdf
>. Acesso em: 20 mai. 2015.

SILVA, E. P. e. Ética, loucura e normalização: um diálogo entre a psicanálise e Michel Foucault. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, DF, vol. 21, n. 4, p. 16-25, dez. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000400003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 18. mai. 2015.

TELLES, A. C. S. **Questão moral e constituição do sujeito em contos de Machado de Assis**. 2013. 175 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-15012014-100107/>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

VALLS, A. L. M. **O que é ética**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.